

DF - Brasília

DESORDEM URBANA

Especialistas alertam que a transformação de invasões em cidades não garante a infra-estrutura necessária nem a melhoria da qualidade de vida. Para governo, população em favelas ainda é pequena

Fotos: Carlos Vieira/CB/7.7.06

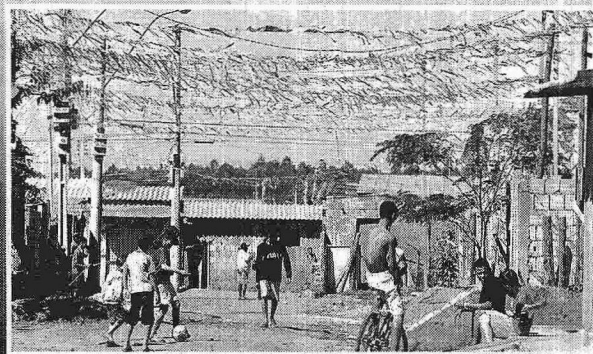


A FAMÍLIA DE LUCIENE AUMENTOU JUNTO COM A ESTRUTURAL

CRESCIMENTO ACELERADO

O problema pelo país

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1991	2000	VARIAÇÃO
DISTRITO FEDERAL	5,7 MIL	28,4 MIL	398%
JOÃO PESSOA	18,6 MIL	68 MIL	265%
SALVADOR	85,3 MIL	238, MIL	179%
ARACAJU	4,8 MIL	11,9 MIL	146%
TERESINA	39,9 MIL	95,4 MIL	139%



O ITAPOÃ ABRIGA 50 MIL PESSOAS E NÃO PÁRA DE SE EXPANDIR

Sem escola, asfalto, saúde e cidadania

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

As ruas esburacadas e casas simples das localidades mais pobres do Distrito Federal reúnem histórias de luta pela sobrevivência. A maioria dos moradores trocou a rotina simples do interior pelo sonho de melhorar as condições de vida na capital do país. A trajetória da dona-de-casa Luciene Maria da Silva, 34 anos, seguiu exatamente esse roteiro. Há 16 anos, ela e o marido deixaram a cidade de Água Preta, em Pernambuco, para tentar a sorte no DF. Aqui, o casal se arranjou em um barraco de madeirite na área da Estrutural, que, à época, ainda começava a ser povoada.

"Eu criei meus meninos de baixo de lona, agora é que estamos um pouquinho melhor", conta, referindo-se à casa de tijolo sem reboco, com sala, cozinha, dois quartos e banheiro da família. Mas Luciene ainda convive com poeira na porta de casa e esgoto correndo a céu aberto na rua. "As crianças vivem doentes, esta pequeninha está com pneumonia. E o pior é que não consigo consulta para ela no posto de saúde", relata a mãe.

A Estrutural, elevada à categoria de cidade em 2005, tem 26 mil moradores, um único posto policial, uma escola que vai apenas até a 4ª série do ensino fundamental e um posto de saúde que não dá conta da demanda. "Pela lei, o governo nos transformou em cidade. Mas, na prática, ainda somos uma invasão", reclama a líder comunitária Helena Pereira de Souza, 37 anos, há 15 na Estrutural. Apesar da carência de infraestrutura e de ainda não existirem documentos que compro-

vem a posse dos lotes, há imóveis no lugar sendo vendidos por mais de R\$ 10 mil. Alguns moradores investem as economias na construção de prédios de até três andares na área, sem que o plano de urbanização para a nova cidade tenha sido definido.

Longe dos olhos

Há um mês, a geógrafa Mônica Veríssimo, do Fórum das ONGs Ambientais do DF, recebeu a visita de uma equipe de jornalistas de uma televisão francesa. Os repórteres estavam aqui para fazer uma matéria sobre as obras do arquiteto Oscar Niemeyer e se espantaram com a ausência de áreas pobres na capital brasileira.

"Tive de explicar a eles que a pobreza estava no entorno do Plano Piloto, mas eles só acreditaram quando os levei ao Ita-

poã", relata Mônica Veríssimo. "A topografia plana e o planejamento urbanístico não expõem a pobreza, a desigualdade social, como acontece no Rio de Janeiro", afirma o arquiteto e urbanista Frederico Flósculo, professor da Universidade de Brasília (UnB). Ele revela ter muitos alunos que não conhecem as áreas carentes do DF e que é muito raro algum futuro urbanista propor soluções para as regiões de baixa renda. "Até hoje só recebi um aluno interessado em fazer um trabalho assim."

Na verdade, Brasília não se reconhece como uma cidade com favelas. Governo, moradores e arquitetos não costumam usar a palavra para descrever áreas como a Estrutural e o Itapoã. Normalmente, estes lugares são chamados de invasões. E, a partir do momento que são reconhecidos pelo governo, ganham o nome de cidades. "O problema é que reconhecer como cidade não significa dotar o local da infraestrutura mínima necessária", critica Flósculo.

Aumento relativo

Para Mônica Veríssimo, a atitude governamental de criar regiões administrativas em áreas precárias apenas mascara a situação de falta de cidadania: "É uma medida eleitoral, feita para conquistar votos apenas". A secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Diana Motta, discorda. "Além do governo conseguir mais recursos para a urbanização da região, vemos que o primeiro passo dos moradores é fazer melhorias em suas casas", ressalta.

Diana Motta considera ainda que as informações sobre a favelização em Brasília precisam ser relativizadas. "Ainda somos a capital com menor percentual da população vivendo em condições precárias", afirma. Pelos dados encaminhados à ONU, os moradores das favelas representam cerca de 1,5% da população total do DF. "Belém tem população menor que a nossa e lá são pelo menos 400 mil favelados", acrescenta Diana Motta.

MORADIAS PRECÁRIAS

Condições de moradia precárias são descritas nas pesquisas do IBGE como aglomerados subnormais. A categoria inclui áreas com mais de 50 casas que estejam em terrenos cuja propriedade seja alheia (pública ou particular) ao morador. Estes locais também sofrem com a precariedade de serviços públicos essenciais, como iluminação, abastecimento de água e dotação de esgoto. No DF, áreas como o Itapoã e a Estrutural pertencem à categoria porque ainda não têm rede de esgoto.

Gustavo Moreno/Especial para o CB



DEJANIRA, O MARIDO E OS SEIS FILHOS FIZERAM DE UM MATAGAL PERTO DA ESPLANADA O LAR DA FAMÍLIA

Eles vivem à sombra do Poder

CAROLINA CARABALLO

DA EQUIPE DO CORREIO

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, até 2020, 1,4 bilhão de pessoas em todo o mundo estará morando em favelas. No Brasil, esse número chegaria a 55 milhões — o que equivale a 1/4 da população. O documento, porém, não leva em conta as centenas de famílias que, no DF, disputam espaço com os cartões postais da cidade.

Ao redor da Esplanada dos Ministérios e do Congresso Nacional, catadores sobrevivem do lixo produzido pelo Poder. O papel branco e as garrafas PET jogadas fora se transformam em dinheiro. E, para ficarem mais próximos da fonte de renda, adultos e crianças vivem em meio a entulho e criações de galinha, cachorros e cavalos. Eles dormem em barracas de lona e madeira, tomam banho com a ajuda de baldes, cozinham em latas de alumínio.

O catador Milton da Silva, 41 anos, está instalado há oito anos no matagal que se estende em frente à Procuradoria Geral da República. Divide um barraco com a mulher, Dejanira Miranda Leite, 34, e seis filhos, a caçula de 2 anos e o mais velho de 16. "O dinheiro da comida vem do papel, do plástico. A gente vende o material para um moço que sempre passa por aqui. Conseguimos tirar quase R\$ 300 por mês", detalha Milton. "Morar aqui é bom. A gente está perto

da escola dos meninos, na Vila Planalto, e o socorro vem rápido quando precisamos. O único problema são os agentes que passam aqui de mês em mês e derrubam nossa casa", diz o homem, referindo-se às operações realizadas pela Subsecretaria do Sistema Integrado de Vigilância do Uso do Solo (Siv-Solo). Junto ao barraco do catador baiano moram pelo menos outras cinco famílias de catadores.

MORAR AQUI É BOM. A GENTE ESTÁ PERTO DA ESCOLA DOS MENINOS, NA VILA PLANALTO, E O SOCORRO VEM RÁPIDO QUANDO PRECISAMOS

Milton da Silva, catador

De acordo com a Agência de Desenvolvimento Social (ADS), cerca de 8 mil catadores de papel atuam no DF. Muitos deles têm endereço fixo no Entorno, mas preferem acampar perto do local de trabalho. É o caso de Francisco Miranda, 54. Durante as férias escolares dos três filhos, o desempregado passa temporadas com a família em um barraco

montado atrás do Setor de Embaixadas Norte. "Aqui eu posso catar entulho para vender. O que ganho não dá para pagar a passagem de ida e volta para Planaltina todos os dias", argumenta. "Se eu ficar em casa sem trabalhar, a gente passa fome. Aqui, o pessoal que passa de carro ajuda muito. Quando as férias terminam, os meninos estão até mais gordinhos."

Para evitar a ocupação irregular de áreas públicas, o Siv-Solo monitora as invasões. O governo retira mensalmente de 80 a 120 barracos em todo o DF. As áreas centrais são as mais visadas. De acordo com o gerente de operações do órgão, major Márcio Pereira da Silva, cerca de 60 agentes atuam apenas no Plano Piloto. "As famílias se concentram principalmente nas proximidades da Esplanada dos Ministérios. A região oferece material em fatura para os catadores de papel e de plástico", explica.

Os agentes do Siv-Solo tentam vencer os invasores pelo cansaço. Chegam a vistoriar as áreas mais problemáticas uma vez por semana. Aproveitam a visita para derrubar os barracos, jogar fora a lona e a madeira usada para erguê-los, e apreender o material colhido pelos catadores. "Nós não podemos impedir as pessoas de continuarem lá. Elas têm o direito de ir e vir. Só podemos impedir a construção de barracos e o uso da área como depósito de entulho", conclui o major Márcio.

FERNANDA CABÔS MARINHO DE CASTRO



1 ANO DE SAUDADES

Nelson, Janice, Ricardo e Juliana convidam para a Missa de 1 Ano de falecimento, que será celebrada hoje, dia 15/07/2006, às 18h30min., na Igreja São Judas Tadeu - 908 sul.

LUCIANO OLIVEIRA LACERDA

MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO

Humberto, Elizabete, Marcelo, Ana Paula e Maria Luiza convidam para a Missa de 1 Ano de Falecimento do nosso querido e inesquecível filho, irmão, cunhado e tio Luciano Oliveira Lacerda, a realizar-se no dia 18/07/2006, terça-feira, às 19 horas, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na QL 06/08 Lago Sul.

